

CÉSPEDES E ROA BASTOS, DUAS VISÕES DA GUERRA DO CHACO: UNIDADE

Cecilia Teixeira de Oliveira Zokner

1.0 INTRODUÇÃO

A Guerra do Chaco deveria ter sido — segundo a opinião de alguns — apenas uns poucos tiros pois a isto induziriam as próprias características da região. No entanto, durou três anos (junho de 1932-junho de 1935) e foi, conforme diz Carlos Pereyra “una da las más sangrientas que ha habido en todo el continente”.¹

De um lado, o Paraguay. A Bolivia, do outro. Dois governos lutando por uma região inóspita que imaginavam ricas, enquanto o povo, longe da realidade e da razão do conflito, se deixava, passivamente, envolver.

Diante dessa realidade, dois escritores, Augusto Roa Bastos e Augusto Céspedes, acusaram — cada um chorando por seu próprio povo — o absurdo que ela representava.

Ambos chamam Miguel a seu personagem lutador no Chaco e ambos o apresentam em meio a mesma natureza árida, feita como que somente de terra, enfrentando situações em que o guerreiro cede lugar ao homem e sobretudo, em meio à guerra.

Além disso, os dois textos se apresentam em forma de diário. O excerto do que foi escrito por Miguel Narvajas se inicia no dia 15 de janeiro de 1933. A última anotação é de 7 de dezembro, provavelmente do mesmo ano. O trecho do diário de

(1) PEREYRA, Carlos. *Breve história de América*. Mexico Aguilar, 1958, p. 482.

Miguel Vera paraguaio, que trata da Guerra do Chaco traz a data de 14 de agosto de 1932 e foi escrito até o dia 29 de setembro. A narrativa de Céspedes se estende por onze meses e a de Roa Bastos por quarenta e cinco dias.

A última anotação é de 7 de dezembro, provavelmente do mesmo ano. O trecho do diário de Miguel Vera, paraguaio, que trata da Guerra do Chaco traz a data de 14 de agosto de 1932 e foi escrito até o dia 29 de setembro. A narrativa de Céspedes se estende por onze meses e a de Roa Bastos por quarenta e cinco dias.

Miguel Narvajas, de *El pozo*,² e Miguel Vera, de *Destinados*³ em suas ações deveriam estar um contra o outro, separados que estão por uma linha imaginária, desenhada sobre a terra que deveria ser de todos. Porém, idêntico são os seus destinos e idênticas as suas relações com os homens, com a natureza e com a situação vigente

Analisar estas relações e definir sua unidade é o que se propõem as linhas que seguem.

1.1 *Relações dos personagens com a natureza.*

O espaço em que vivem é o mesmo Chaco exangue, seco, árido, que desconhece a linha limítrofe que sobre ele foi traçada pelos homens.

Para Miguel Narvaja é de areia e pó espinhoso e labiríntico. Feito de “bosques de leños plombezados”, de “ramaje anémico”. Sente-lhe o calor “que se pega a los cuerpos” “el todo tipo”, “la picadura de múltiples gritos de animales”, e o rumor que escuta são “chirrido de las cigarras”, e “las detonaciones aisladas”⁴.

Diante dos olhos de Miguel Vera está “el polvo insomne y tenaz”⁵ “la tierra caldeada”⁶, “la tierra arenosa”⁷. Também para ele, Miguel Vera, o “calor es sufocante”⁸ e “nuvens

(2) *Cuento de Augusto Céspedes*. In BAPTISTA, Mariano. *Narradores bolivianos*. Caracas, Monte Avila, 1969, p. 15-31.

(3) *Capítulo de Hijo de hombre* de Augusto Roa Bastos. Buenos Aires, Losada, 1967, p. 168-203.

(4) CESPÉDES, Augusto. *El pozo*. In BAPTISTA, Mariano. *Narradores bolivianos*. Caracas, Caracas, Monte Avila, 1969, p. 16.

(5) *Idem*,

(6) *Idem*, p. 18

(7) *Idem*, p. 17

(8) *Idem*, p. 19

(9) *Idem*, p. 18

(10) *Idem*, p. 19

(11) ROA BASTOS, Augusto. *Hijo de Hombre*. Buenos Aires, Losada, 1967, p. 186.

(12) *Idem*, p. 191

(13) *Idem*, p. 194

de mosquitos”¹⁵ o lancetam sem parar. E, também ele houve o estronço do bombardeio distante.

Um e outro são oprimidos pela terra do Chaco e pela inexistência da água. Caídos Miguel Narvajas sob um céu que “es una enorme piedra”¹⁶. Miguel Vera sob “un cielo de salmuera filtrándose implacable através del ramaje”,¹⁷, ambos são como simulacros de vida. Da realidade, apenas a presença total da terra e a sofrida presença da sede.

1.1.1. *Relação dos personagens com a terra*

A terra, para Miguel Narvajas é pó que enterra fuzis, que abraça os troncos, que anuncia a vinda de auxílio. Para Miguel Vera, catarata nos olhos dos vivos, capa para os mortos e também aviso da chegada do auxílio esperado. Para ambos o contato com a terra é forçado e terrível. Enquanto Miguel Narvajas a penetra em busca de água, sente-lhe o alento apertando-lhe os pulmões e compreende que suas mãos estão solidárias com a matéria terráquea. Miguel Vera ao tocar a terra com o rosto, em busca de água se retira asfiziado, cuspidando pó. Ambos procuraram a terra, dela se aproximaram em busca de água. O primeiro num trabalho árduo. O segundo, na alucinação da sede. Mas, nesta terra disputada a água não existe. E mais do que luta pela terra, a Guerra do Chaco foi a luta pela água. “Triunfará el ajército que [...] consiga llevar agua a sus líneas”¹⁸ dice Estigarribia¹⁹. E nos textos de Céspedes e de Rosa Bastos, a luta pela água são, primeiro a espera do caminhão aguateiro, depois, respectivamente, a luta e a passividade diante da sede.

1.1.2. *Relações dos personagens com a água.*

Ao norte de Platanillos onde está Miguel Narvajas não há água e a chegada do caminhão aguateiro é esperada por homens cheios de angustia, ira e violencia. Ao entardecer, entre nuvens de pó “Un viejo camión, de guardafangos abollados, sin cristales y con un farol vendado, que parece librado de un terremoto, cargado de toneles negros, llega”²⁰. De um dos tonéis se tiram duas latas de água: uma para cozinhar,

(14) Idem, p. 194

(15) Idem, p. 189

(16) CESPEDES, p. 18

(17) ROA BASTOS, p. 197

(18) ROA BASTOS, Augusto. Hijo de hombre. Buenos Aires, Losada, 1967, p. 185.

(19) José Félix Estigarribia, Mariscal paraguay llamado el reconquistador do Chaco.

(20) CESPEDES, Augusto. El pozco. In BAPTISTS, Mariano. Narradores bolivianos. Caracas, Monte Avila, 1969, p. 16.

a outra para que vinte homens bebam. E jamais o suficiente sob o sol que os maltrata. Durante o dia trabalham e à noite falam sobre a água com obstinação. E a espera se faz mais difícil. Até que um dia o caminhão não chega. A água terminou.

Diante de Boquerón, Miguel Vera também recebe água dos provedores que “acarean al hombro las latas”²¹. Também para ele e para seus homens a ração é medida e não chega a saciar a sede. Pelotões desertam, a pirataria de água se faz cada vez mais violenta. A Laguna de Isla Po’i é uma imagem que domina a todos. A distribuição de água diminui e quando a companhia se aproxima de Boquerón e acredita estar no eixo Arce-Platanillos se encontra sem água. A espera se torna insuportável. ,

Por fim, ao aparecer o caminhão aguateiro “Em medio de una nube de polvo con las ruedas en llamas [...] avançando con el tanque bamboleante”²² Miguel Vera enloquecido pela agonia acredita tratar-se de uma visão de seu delírio e dispara contra ele até fazê-lo parar.

Ao enfrentar a falta de água, no entanto, as atitudes apresentam os dois lados da medalha: a luta e a passividade.

A luta é representada no conto de Céspedes pela excavação de um poço. É um trabalho lento, asfíxiante, esgotador que se prolonga até cinquenta metros. A névoa espessa e pavorosa, a solidão no ventre da terra, o cansaço e a sede provocam febre, alucinações nos homens que buscam água.

A passividade, no personagem de Roa Bastos. A situação em que se encontram o impede de comunicar-se com os superiores. Ao seu redor, os homens estão feridos, famintos e com sede. A dor, a decomposição e a morte se tornam naturais. Miguel Vera se deixa estar à espera até que, enloquecido, quer por fim a sua vida. Sua agressividade, porém, se volta contra seus próprios soldados que gemem, atirados no chão.

1.2 *Relações dos personagens com os homens.*

Em meio a esta natureza hostil, padecendo fome, cansaço e sede, condenados, talvez, a morrer de um balaço, os homens deixam que as relações entre eles se dissolvam numa indiferença que abrange, também o que existe de gregário em cada homem, ainda quando ele se encontra em guerra.

(21) ROA BASTOS, Augusto. *Hijo de hombre*. Buenos Aires, Losada, 1967, p. 189.

(22) *Idem*, p. 202, 203.

Esta indiferença pelo destino do seu semelhante e pelo seu próprio destino, manifestada na passividade com que o aceita, não chega a destruir nos dois oficiais que estão, respectivamente, ao norte de Platanillos e a vinte quilómetros de Boquerón, um sentimento de fraternidade, que de certa maneira, se estende até os inimigos. Fraternidade originada das condições impostas pelo meio ambiente, pelo ceticismo que adquirem face à situação e que provoca neles um afastamento²³ da maneira de comportar-se e de sentir

1.2.1 *Relações dos personagens com seus compatriotas.*

Em relação a seus próprios homens, Miguel Narvaja e Miguel Vera tem conhecimento do que sofrem e suportam, mas não do que devem fazer para ganhar a guerra.

Miguel Narvajas vê em seus homens, seres formados “por moléculas de polvo, con tierra en las orejas, en los párpados, en las aletas de la nariz, con los cabellos blancos, con tierra en los ojos, con el alma llena de tierra del Chaco”²⁴. Sobre-tudo, Miguel Narvajas tem consciência, sabendo-os dentro do poço, do enorme peso da terra sobre eles, da “sed negra”²⁵ que “el liquido tibio y denso de la caramañola”²⁶ não chegava nunca a apaziguar.

Miguel Vera, desde o refúgio que lhe foi construído, pode observar seus homens definindo-os como “personajes caquéticos, ya casi en cueros, que echan hacia fuera los huesos. Hombres envejecidos, cubiertos de costurones y rastrosos secos de eczemas”²⁷. Sabe, também, que para acalmar a sede, eles mastigam “la carne fibrosa de las tunas, los bulbos indigestos del Yuy’a o las corrosivas raíces del karaguatá”²⁸. Principalmente, não ignora que “estas cosas no calman la sed”²⁹.

1'2.2 *Relações dos personagens com os inimigos.*

Com relação aos soldados do campo contrário os dois oficiais não os sentem como inimigos, mas como homens que se encontram nas suas mesmas condições. Nem por um mo-

(23) Jacques Dubois en Simenon et la déviance (*Littérature*, n.º 1, février, Paris, L'Arrouse, 1971, p. 62 e 67) usa a palavra *déviance* para designar a ação central da novela do autor francês. Explica que a palavra pertence ao vocabulário dos sociólogos que com ela indicam a atitude de um indivíduo que rompe com os modelos de comportamento aos quais se conformava até então. E nesse sentido que no presente texto é empregada a palavra *afastamento*.

(24) CESPEDES, Augusto. E' pozo. In BAPTISTA, Mariano. *Narradores bolivianos*. Caracas, Monte Avila, 1969, p. 25.

(25) Idem.

(26) Idem.

(27) RIA BASTOS, Augusto. *Hijo de Hombre*. Buenos Aires, Losada, 1967, p. 196.

(28) Idem, p. 198.

(29) Idem.

mento existe ódio nas palavras de Miguel Narvajás ou nas de Miguel Vera ao falarem, respectivamente, dos paraguaios ou dos bolivianos. Assim como, por momento, a hierarquia se desvanece diante do destino comum, também desaparece a cor do uniforme face a este mesmo destino.

Miguel Narvajá que nestas paragens onde não há “una gota de agua”³⁰ os homens sentem “más sed que odio”³¹. E sem rancor constata que o poço, cavado por seus homens com tanto sofrimento e defendido com tanta furia, está em poder dos paraguaios. O que não impede que para ele continue a ser boliviano. Não por acreditar que a Bolívia tenha direito sobre ele, mas pelo “mucho que a sus hombres hizo agonizar”³².

Miguel Vera, marginalizado dos seus, perto do forte Poquerón, ou seja, próximo dos bolivianos, confessa que “han dejado de ser inimigos. Desnudos, igualmente cadavéricos, ya no se distinguen de los nuestro”³³. E um e outro oficial enterra seus mortos misturados com os mortos deixados pelos inimigos no seu campo.

1.3 *Relações dos personagens com a situação.*

Miguel Vera foi arrancado da prisão política para lutar no Chaco. Mal conhece os homens que comanda. Não tem idéia de suas convicções, apenas do desespero que os domina.

Miguel Narvajás retido num hospital de campanha por uma avitaminose beribérica o único que deseja é voltar para La Paz. Conhece a seus homens pelo nome e sabe que ao cavar o poço em busca de água estes homens estão pensando na “tierra regada de sus lejanos valles agrícolas”³⁴.

Para eles é como se o problema político ou econômico nada representasse. Soldados e oficiais, sejam eles bolivianos ou paraguaios, estão alheios.

1.3.1 *Relações dos personagens com a guerra.*

Os dois oficiais estão na posição intermediária entre o subordinado e o superior. Assim como têm que defender os interesses dos homens que comandam, são obrigados a obe-

(30) CESPEDES, Augusto. El pozo. In BAPTISTA, Mariano. *Narradores bolivianos*. Caracas, Monte Avila, 1969, p. 16.

(31) Idem, p. 16

(32) Idem, p. 15

(33) ROA BASTOS, Augusto. *Hijo de Hombre*. Buenos Aires, Losada, 1967, p. 198

(34) CESPEDES, p. 25

decer. No entanto, na maneira como encaram a situação em que se encontram, ou seja, frente à guerra, também se verifica um desvio de sentimentos, o que demonstra que são guerreiros porque forjados pelas circunstâncias.

Apesar das impositivas ordens superiores, pressionados pela sede, são reduzidos a um nível de impotência e apatia. Ambos tentam lutar. Com o mesmo estado de ânimo vencem a inércia para enfrentar uma tarefa na qual não creem e exatamente em idênticas condições negativas.

Miguel Narvajas ao comandar o grupo que abre a picada confessa que não sabe para que servirá. Os superiores, mais tarde, lhe ordenam que seus homens devem cavar um poço para encontrar água. Os soldados, sob seu mando, começam a fazê-lo, mas em determinado momento Miguel Narvajas conclui: "Devemos detener este trabalho inútil".³⁶ Procura seus superiores querendo explicar. Não consegue convencê-los. A excavação deve continuar. E continua, ainda que os soldados obrigados a fazê-lo não tenham outro objetivo — encontrar água ou ganhar a guerra — que o de cumprir" um desígnio fatal, um propósito inescrutável"³⁶

Miguel Vera faz parte de um regimento que deve atacar o forte Boquerón, ataque realizado sem glória e que deixa desmoralizados e impotentes aos atacantes. O comando exige que se coordene um novo ataque. Miguel Vera pede para retirar a sua companhia de uma situação comprometida. A morte do comandante e a impossibilidade de comunicação como que o obrigam a lançar-se outra vez à luta. É o momento em que se dá conta que se empenha, juntamente com seus homens" em algo semelhante al juego de la gallina ciega"³⁷; além disso, para os sitiados, a lagoa de Isla Po'i é uma obsessão que faz esquecer a conquista do forte.

1.3.2 *Relações dos personagens com a paz.*

Assim como não entendem, nem um nem outro, a razão da guerra, eles não têm esperanças. A palavra paz não existe nos textos estudados. Tampouco a idéia da paz. O desejo de abandonar a luta, sim. Miguel Narvajas desejaria ser evacuado para La Paz. Miguel Vera procuraria a salvação no suicídio. Os soldados paraguaios e bolivianos aspiram, ape-

(35) CESPEDES, Augusto. El pozo. In BAPTISTA, Mariano. *Narradores bolivianos*. Caracas, Monte Avila, 1969, p. 24.

(36) Idem, p. 29.

(37) ROA BASTOS, Augusto. *Hijo de hemem*, Buenos Aires, Losada, 1967, p. 189.

nas, saciar a sede. Para todos é como se a visão do futuro simplesmente, não existisse, ou pelo menos no conteúdo da palavra paz.

1.4 *Conclusão.*

Como Miguel Narvajas e Miguel Vera, o escritor boliviano e o paraguaio deveriam — se tivessem obedecido às leis dos homens — estar um contra o outro. Ao contrário, talvez sem o saber, se lançaram contra um inimigo comum: o sofrimento de seus respectivos povos, representado no destino do homem do Chaco.

Diante desse universo que se destrói, obedecendo à voz ambiciosa de alguns, Augusto Roa Bastos e Augusto Céspedes, mostram que a luta do homem latino-americano contra o obstáculo, se, por sua intensidade e pelo que se renova sempre faz pensar naquela de Sisifo, pelo que possui de triste e de alienada faz lembrar a de D. Quijote.